

Instabilidade, (des)equilíbrio e falta de grana

Enquanto escrevo este texto, descubro que três shows – já confirmados – caíram.

O que está escrito aqui não fala sobre aspectos tão positivos da nossa profissão e não aponta nenhuma solução mágica. Muito pelo contrário. Então, se você é daqueles que buscam certezas e soluções fáceis para os problemas e acredita de verdade em Papai Noel ou nos “gurus baterísticos” que ensinam a tocar como o Colaiuta em uma semana, tenho duas notícias: a primeira é que geralmente esses “gurus” tocam igual ao Papai Noel. A segunda é que a vida pega todo mundo de surpresa. Inclusive o Papai Noel e o Colaiuta. A única coisa que falo sobre esses charlatães é: “Filho da *%& # existe em qualquer lugar”. Meu pai sempre dizia isso.

Se você trabalha com música, provavelmente não tem a vida ganha. Se for músico brasileiro, então, as coisas só ficam mais difíceis. Só se for um *pop star* ou o Colaiuta. Nesse caso, não precisa ler o texto. Passe para as lições. Se for o Colaiuta, não precisa ir para as lições. Se for um dos gurus, volte à parte que cito o que meu pai dizia.

Pensar em estabilidade financeira para quem vive da música é o mesmo que pensar em um equilibrista na corda bamba. Nos dois casos existe o risco de queda e o equilíbrio se faz necessário. Se o músico (ou o equilibrista) sustenta família, existe um ponto a mais: a responsabilidade é muito maior. Existem momentos em que nossa profissão se mostra ingrata e acredito que nunca foi tão segura. Todos os meus mestres sempre me alertaram: não há garantias. Tudo bem que tem o fator sorte, também. Mas, esse é outro assunto. Sobre garantias e estabilidade financeira, a vida e a música me mostram outro caminho.

Vamos pensar no aspecto de estabilidade e falta de garantias por outro lado. Nem tudo é desastre. Existe alguma garantia na vida? Alguma estabilidade? Alguém sabe onde está o Wally? Qual a única certeza que temos sobre o que vai acontecer? No meu ponto de vista, a morte é a única certeza. Não sei nem quando, como ou por que vou morrer. Você sabe? Provavelmente, não. Dessa forma, vamos em frente. Na vida, na música e no texto.

No caso dos músicos – ou da grande maioria dos artistas, que é formada por autônomos – a estabilidade (principalmente financeira) é considerada o pote de ouro no fim do arco-íris. Mas, pensar somente no pote de ouro pode corromper você. *My precious...*

Fazer o que ama e ficar rico com isso. Sonho, não? Difícil de acontecer. Não conheço nenhum músico que ficou rico só vivendo da música. Principalmente brasileiro. Conheço, sim, muitos músicos (dos grandes) que passam perrengues e lutam diariamente para garantir o sustento. Gente que fez história e continua na batalha. E fazem isso com amor. Passar perrengue é uma característica da vida. Então, por que não seria da música? Acostumar-se com isso é importante. E mais importante ainda é ter planejamento. Se os grandes passam por dificuldades, quem

sou eu para não passar? Acredito que esses são passos para navegar nas ondas incertas da nossa profissão: fazer as coisas com amor, tentar planejar tudo e nos acostumarmos a passar perrengues. Sobrevivemos neste mundo com a certeza de que o incerto é certo. Está com a grana contada e o motor do carro para. E aí?

A falta de grana é um dos pesos que seus pais, com certeza, colocaram na balança quando você disse que queria ser músico. Os meus fizeram isso e me alertaram. Mas, a teimosia faz parte do meu dia a dia. Seguir buscando é um dos fatores que nos tornam fortes no caminho. Talvez o caminho seja mais importante que o fim. Afinal, só achamos que existe o pote de ouro no fim do arco-íris, mas, o caminho acaba se fazendo mais importante que o ouro.

Podemos, talvez, chamar esse caminho de vida. Desequilíbrio, instabilidade e falta de grana fazem parte do cotidiano, então, é melhor que nos acostumemos com esses fatos. Não quero desanimar nenhum leitor. O intuito desta primeira parte do texto é mostrar que entrar para a música pensando apenas em dinheiro não vale a pena. Alguém achou que seria fácil? Não existe nada fácil.

Quase me esqueço de falar das colunas de estudo. Temos a estreia de grandes músicos! Colegas talentosos e batalhadores que chegam para somar ao nosso time de colonistas: Diego Gil e Ygor Saunier, que a partir de hoje compartilharão seus artigos, pesquisas e preciosas lições com todos nós. Contamos também com a participação especial do músico Julio Bittencourt na coluna “Só vale se tocar” falando sobre possibilidades no jazz. Temos o genial Bruno Tessele com uma baita lição sobre deslocamentos e um texto muito bacana do incrível Cássio Cunha.

E vamos em frente. Como diria o Ivan Lins: “Desesperar, jamais”.

FÁBIO MARRONE



DESLOCAMENTOS

Por Bruno Tessele

NOTAÇÃO MUSICAL	
chimbau X	ride X
caixa	aro de X
bumbo	caixa
chimbau com o pé X	

Olá, amigos da revista Modern DrummerBrasil! Neste mês, escrevo sobre uma ideia que pode ser aplicada a qualquer ritmo. A ideia é deslocar toda uma levada, uma semicolcheia ou uma colcheia para “trás” ou para “frente”, criando a sensação de que o groove está virado, fora do tempo 1.

Vou começar exemplificando numa levada de bossa nova, cuja levada original será:



Se deslocarmos toda essa levada antecipando uma semicolcheia, teremos este som:



Vocês podem deslocar para qualquer uma das semicolcheias. Cada uma vai dar uma sensação diferente. Numa aplicação real, tocando ao vivo, pode-se aplicar uma inversão dessas por um ou dois compassos para depois voltar ao original, criando, assim, uma rápida sensação de desconforto que logo se acomoda.

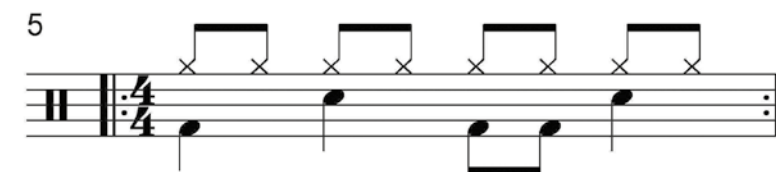
Agora aplicaremos o mesmo princípio a uma levada de jazz, cuja original será:



Podemos mover toda a levada, adiantando uma colcheia (tercinada). O resultado será este:



Agora, pegaremos a levada abaixo como exemplo de funk/rock:



Faremos um processo diferente com esta levada, vamos mover apenas uma das peças de cada vez, atrasando uma semicolcheia. Primeiro, deslocaremos o bumbo e a caixa:



No exemplo abaixo o bumbo e a caixa voltam às suas posições originais e o hihat é quem vai ser deslocado:



Aconselho que se estude com o metrônomo para não perder o tempo original e assim que as ideias ficarem mais confortáveis tentem aplicar tocando com alguns amigos. Experimentem também o mesmo processo com outros ritmos com os quais vocês possam estar mais acostumados, como baião, xote, afro-cubano...

Espero que este estudo ajude-os a expandir os seus vocabulários e que traga mais ideias para estudos e aplicações musicais criados por vocês.

Qualquer dúvida referente a esta lição ou a outros assuntos musicais me coloco à disposição pelo facebook.com/brunotesselemusico ou e-mail brunotessele@yahoo.com .



Bruno Tessele é baterista e professor de bateria nascido no Rio Grande de Sul e residente em São Paulo. Atualmente, está em turnê com o musical **Milton Nascimento – Nada Será Como Antes**, toca com seus projetos Bruno Tessele Quinteto e Bronco Trio (com o qual gravará o primeiro disco no fim do ano), além do grupo Cosmopolita, Michel Leme, Marcos Paiva, Rafael Ferrari, Jorginho. Já tocou com: Raul de Souza, Nailor Proveta, Soundscape Big Band, Elza Soares, Dom Salvador, Esperanza Spalding (EUA), Maria Alcina, Eliana Pittman, Lucas Santtana, Arismar do Espírito Santo, Eric Miyashiro (EUA), Sandro Haick, Oscar Stagnaro (Peru), Vânia Bastos, Filipe Catto, Phil DeGreg (EUA), Julio “Chumbinho” Herrlein, Antonio Arnedo (Colômbia), Selma Reis, Edu Ardanuy, Gustavo Assis-Brasil, Lupa Santiago, Teresa Cristina, Frank Solari, Walmir Gil, Alessandro “Bebê” Kramer, Célio Barros, além de ter tocado nos espetáculos **Elis – A Musical** e **Chacrinha – O Musical**.

GAMBÁ DE MAUÉS

Por Ygor Saunier

Um ritmo brasileiro sobre o qual você talvez nunca tenha ouvido falar. Olá, amigos bateristas!

É com imensa alegria que estreio esta maravilhosa experiência como novo colunista da **Modern Drummer Brasil** nesta edição. Vale ressaltar que em minha história como baterista a **MD** sempre foi (e é) importante suporte como parte do meu processo de formação e poder estar “do lado de cá” contribuindo de forma direta é motivo de grande honra para mim! Claro, é também uma preciosa oportunidade em que posso compartilhar um pouco dos conhecimentos adquiridos ao longo de mais de 15 anos tocando, gravando, excursionando e lecionando por este mundão. Como alguns de vocês já sabem, há alguns anos venho realizando pesquisas sobre os ritmos musicais do norte do Brasil e para a coluna aqui na **MD Brasil** pensei em elaborar uma série na qual irei compartilhar minhas vivências e pesquisas sobre os ritmos regionais brasileiros, bem como minha abordagem na bateria sobre eles. Como sei que já saiu material precioso sobre o assunto em edições anteriores, inicio esta série pelos ritmos que são objeto de minha pesquisa, ou seja, os ritmos amazônicos, uma vez que eles podem ser objeto de curiosidade para a grande maioria aqui, não é mesmo?

Então, vamos lá!

Para esta edição, preparei uma abordagem sobre um ritmo que, embora sendo ainda pouco divulgado, é bastante interessante em termos de suingue para tocar: o gambá de Maués. Aliás, sobre Maués devo ressaltar que é um pequeno município com cerca de 60 mil

habitantes no coração da floresta amazônica. É conhecido como Terra do Guaraná (sim, é de lá mesmo que sai boa parte do guaraná que você toma na latinha/garrafa) e é dessa pequena cidade no interior do Estado do Amazonas que eu venho.

O Gambá de Maués

Não tendo o seu nome absolutamente nada a ver com o animal de mau odor, é provável que, por questões linguísticas (grande parte dos idiomas indígenas têm a tendência a acentuar a última sílaba das palavras), o nome desse ritmo seja uma variação da palavra africana *gamba*. O gambá, aliás, é um ritmo de origem afro-ameríndia incidente em alguns municípios do interior do Estado do Amazonas e também no Estado do Pará, mais especificamente em uma sub-região denominada Baixo Amazonas. Em virtude da grande área de incidência e da ampla variedade rítmica de uma manifestação de gambá para outra, iremos nos direcionar aqui apenas ao “toque” (ou “baque”) executado pelos mestres de gambá do município de Maués.

Estima-se que a presença da manifestação do gambá na Região Norte date de meados do século XVIII. Sua performance ocorre em grupos formados por comunidades ribeirinhas (ou camponesas), havendo também a incidência em comunidades indígenas. Na performance percussiva do grupo de gambá Pingo de Luz (grupo formado por mestres griôs residentes na comunidade ribeirinha de Nossa Senhora de Aparecida do Pedreiro) dispõe-se de três principais instrumentos de percussão, a saber: 1) tambor de gambá; 2) tamborinho (ou tambourinho) e 3) caracaxá.



Ygor Saunier com os mestres do gambá em Maués durante suas pesquisas.

Sabemos que os ritmos brasileiros possuem riquíssimas performances que incorporam uma infinidade de instrumentos de percussão e, por essa razão, nesta coluna de estudos decidimos disponibilizar aos nossos leitores tanto a grade rítmica dos instrumentos de percussão tocados no gambá como minhas sugestões de levadas para bateria.

Grade rítmica da percussão do gambá de Maués.

Fonte: **Tambores da Amazônia: ritmos musicais do norte do Brasil** (MONTEIRO, 2015).

SUGESTÕES DE LEVADAS PARA BATERIA

Nesta seção, disponibilizo algumas sugestões de levadas para bateria que elaborei com referência na percussão tradicional do gambá. Da grade de percussão extraí as células rítmicas que julgo principais, isto é, que bem caracterizam a execução desse ritmo:

Primeira levada na bateria do gambá de Maués.

Fonte: Tambores da Amazônia: ritmos musicais do norte do Brasil (MONTEIRO, 2015).

Bem caracterizam a execução desse ritmo:

Segunda levada para bateria do gambá de Maués.

Fonte: Tambores da Amazônia: ritmos musicais do norte do Brasil (MONTEIRO, 2015)

Portanto, é isso, amigos! Espero que eu possa ter lhes proporcionado uma experiência enriquecedora no mundo fascinante dos ritmos amazônicos. Estejam à vontade para enviar sugestões e tirar suas dúvidas pelo contato@ygorsaunier.com. Fiquem atentos aos próximos estudos a ser disponibilizados aqui na coluna!

Espero vocês no próximo ritmo desta série, que será a ciranda de Manacapuru.

Grande abraço!

* Para um estudo mais metódico, sugiro a leitura do livro *Tambores da Amazônia: ritmos musicais do norte do Brasil*, de minha autoria.

Adquira um exemplar pelo e-mail contato@ygorsaunier.com

** Nesta coluna, contei com a colaboração da pesquisadora Karine Aguiar, doutoranda em etnomusicologia pela Unicamp.



Ygor Saunier é pesquisador dos ritmos musicais amazônicos, músico e educador, natural da cidade de Maués, Amazonas. Formado em licenciatura em música pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, é mestrando em música pela Universidade Estadual Paulista – Unesp. Participou como baterista e percussionista por cinco anos das mais importantes orquestras do Teatro Amazonas, em Manaus-AM: Orquestra de Violões do Amazonas, Amazonas Jazz Band e Orquestra da UFAM. Sua formação artística se deu em parte no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, onde posteriormente ocupou também a cadeira de professor titular dos cursos de bateria e percussão.

Participou de cursos com os grandes nomes da bateria e da percussão no Brasil e no mundo, em outras capitais brasileiras e em Nova York, nos Estados Unidos. Responsável por toda a pesquisa rítmica dos gêneros musicais amazônicos e pela produção e gravação de toda a percussão e parte das baterias no CD *Arraial do Mundo*, de Karine Aguiar, premiado como Melhor Disco de Música Brasileira de 2014 em Paris, França. Apresentou no palco da sede mundial da Unesco e no Jardim D'Acclimatation, também em Paris, os ritmos amazônicos, junto com a cantora Karine Aguiar, em março de 2014. Em abril de 2015, participou do concerto Brazilian Jazz Extravaganza, nos Estados Unidos, como convidado do baixista norte-americano Matthew Parrish. Em agosto de 2015, lançou o livro *Tambores da Amazônia: ritmos musicais do norte do Brasil*, com patrocínio do Banco da Amazônia S/A. O livro lhe rendeu em 2015 uma turnê nacional em dez cidades brasileiras, tendo passado com seus *workshops* e eventos de lançamento da obra por algumas das principais universidades de música do Brasil, como Unesp, UFMG, Faculdade Souza Lima & Berklee, UFAM, Núcleo de Estudos de Cultura Popular (NECUP, Belo Horizonte-MG), obtendo uma excelente aceitação e crítica acerca do trabalho. Seu livro também já recebeu importantes premiações, como Votos de Congratulações do Senado Federal, a honraria Filhos do Guaraná, concedida pela Prefeitura de Maués, e é finalista do Prêmio Profissionais da Música com o projeto de mesmo título do livro.

Gravou todas as baterias do segundo CD da premiada cantora amazonense Karine Aguiar, com a produção do grande baixista norte-americano Matthew Parrish e a participação de outros grandes nomes da cena de jazz mundial, como o pianista Fábio Torres e o lendário violonista/compositor Guinga. Atualmente, é baterista da banda de heavy metal indígena Arandu Arakuaa, "primeira banda heavy metal a cantar na principal língua indígena brasileira" (BBC Brasil), além de acompanhar a cantora Karine Aguiar. Contatos: contato@ygorsaunier.com e (11) 99916-4650.

IMPRESSIONAR OU EMOCIONAR?

Por Cássio Cunha

Acredito que chega um momento na carreira de qualquer músico em que o tempo e o amadurecimento nos levam a refletir e a questionar sobre o que estamos buscando e o que queremos oferecer para as pessoas que compartilham da nossa música. Qual é de fato a nossa busca quando decidimos tocar um instrumento?

Especialmente a bateria, que se trata de um instrumento que lida essencialmente com apenas uma parcela da música, o ritmo.

Claro que podemos, por meio de sonoridades e nuances, enriquecer e muito uma composição ou um solo, mas não podemos por exemplo reproduzir ou interpretar uma canção inteira ou uma harmonia mais rebuscada, a não ser que você tenha à disposição um daqueles kits monstruosos à la Terry Bozzio. Mas, isso sabemos que não é a realidade de 99,9% de nós, bateras. Nem sequer "podemos nos acompanhar" tocando uma musiquinha numa roda de amigos, como é o caso de quem toca violão, por exemplo.

Acho que até por isso é muito comum esse crescente interesse por solos pirotécnicos, chops e malabarismos cada vez mais complexos tecnicamente. Uma busca constante por truques que chamem a atenção da plateia. Até porque, para completar, nossa posição é das menos privilegiadas, geralmente lá no fundo do palco cheio de tambores e pratos nos escondendo (risos).

Mas, a questão é o que de fato fica marcado na história de um músico? O que fizemos de impressionante? Ou quanto conseguimos emocionar as pessoas?

Pode até parecer que as duas coisas são muito próximas, e às vezes se confundem, até porque o que nos impressiona também pode ocasionalmente emocionar. Mas, na maioria das situações o impressionante geralmente é fugaz e um tanto superficial, assim como a paixão, por exemplo. Já o que emociona em geral é mais profundo e duradouro e pode às vezes ser resultado de algo muito simples, como por exemplo uma levada cheia de suíngue e bem colocada na música, ou uma frase de muito bom gosto que cola como um chiclete no seu ouvido e na sua alma, marcando definitivamente uma assinatura.

"Esse groove é fulano(a) tocando, com certeza, é a cara dele(a)."

Enfim, são questões simples, mas muito importantes, até para definir o seu espaço no mercado e na vida musical das pessoas que o(a) escutam e quem sabe deixar uma marca indelével na história da música.

Tocar o que é sentido com maestria, respeitando acima de tudo a música, e ainda fazer as pessoas sentirem algo de bom e duradouro é um exercício de entrega musical, uma verdadeira arte.

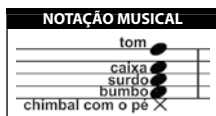


O recense **Cássio Cunha** começou sua carreira profissional tocando em grupos de música instrumental e acompanhando diversos artistas. Em 1992 mudou-se para o Rio de Janeiro. Tocou/gravou com Blitz, Boca Livre, Djavan, Eduardo Dusek, Elza Soares, Flávio Venturini, Geraldo Azevedo, Ivan Lins, Jeff Gardner, João Donato, Leila Pinheiro, Maracatu Nação Pernambuco, Moraes Moreira, Nana Caymmi, Ney Matogrosso, Oswaldinho do Acordeon, Paulo Moura, Quinteto Violado, Sandra de Sá e Sivuca, entre outros. Publicou os livros *IPC – Independência Polirrítmica Coordenada* (2ª edição) e *ARB – Acentos Rítmicos Brasileiros*. Atualmente vem desenvolvendo trabalhos próprios, aulas e workshops. Toca com Alceu Valença, Nuria Mallena, Daniel Gonzaga, Vittor Santos e Areia & GMA.

Contatos: cassio@cassiocunha.com e casscunhabr@gmail.com.

CICLOS NO SAMBA

Por Diego Gil



Olá, amigos da **Modern Drummer Brasil**.

Primeiramente, fico muito feliz em participar deste espaço dedicado à troca de informação sobre música e sobre o nosso tão amado instrumento. Obrigado pelo convite, eu me sinto honrado.

Na minha primeira lição decidi falar sobre ciclos rítmicos, assunto que venho estudando durante alguns anos.

O QUE SÃO CICLOS RÍTMICOS?

De uma maneira simples, ciclos são sequências de toques que se repetem. Vamos estudar ciclos de 3, 4, 5 e 6 figuras nesta lição.

Para facilitar o aprendizado dos ciclos, escolhi algumas manulações que realmente me ajudaram quando comecei a estudar esse assunto. Estude sem pensar em velocidade.

Concentre-se primeiro na acentuação e na repetição dos toques de uma maneira constante. Note que percebemos os ciclos por causa da acentuação, então, capriche.

Ciclo de 3 figuras D_e_e

Ciclo de 4 figuras $\text{D}_e_e_d$ invertendo $\text{E}_d_d_e$

Formando 2 ciclos de 4 figuras $\text{D}_e_e_d \text{ E}_d_d_e$

Ciclo de 5 figuras $\text{D}_e_e_d_d$ invertendo $\text{E}_d_d_e_e$

Formando 2 ciclos de 5 figuras $\text{D}_e_e_d_d \text{ E}_d_d_e_e$

Ciclo de 6 figuras $\text{D}_e_e_d_d_e$

Vamos agora aplicar os ciclos em semicolcheias mantendo a base do samba.

Procure contar os tempos em voz alta, isso faz você se acostumar mais rápido com os ciclos sem perder a referência de tempo.

Alternei os acentos sempre entre o tom 1 e o surdo usando a caixa para preencher com as notas não acentuadas.

Ciclo de 3 figuras

Ciclo de 4 figuras

Ciclo de 5 figuras

Ciclo de 6 figuras

Bons estudos!



Diego Gil teve seu primeiro contato com a bateria em 1986. É baterista profissional desde 1994. Já tocou com Rhaissa Bittar, Proveta, Bocato, Sá e Guarabyra e Maestro Spok, entre outros. É autor do livro *Explorando diferentes divisões*, sobre desenvolvimento de fraseado baseado em ritmos cruzados e deslocamento de figuras rítmicas. Recentemente lançou seu primeiro disco solo, *Nave*. Atualmente grava discos, jingles e trilhas na Panela Produtora. Ministra aulas de bateria no IP&T (Instituto de Percussão e Tecnologia) na EM&T (Escola de Música e Tecnologia) desde 2006 e aulas particulares. Contatos: www.diegogil.com e diegogil@terra.com.br

VAMOS QUEBRAR AS REGRAS?

Por Julio Bittencourt



Primariamente, sempre é uma honra escrever para esta incrível revista. Escolhi mais que exercícios, escolhi uma forma de pensar que me ajuda no desenvolvimento do meu som e nos meus estudos.

Não preciso dizer nada além de que essas lições foram aprendidas com Jack DeJohnette e Charlie Perry em seu livro *The Art of Modern Jazz Drumming* e abrem uma tremenda porta não só no jazz, mas para qualquer outro estilo. Sem palavras para descrever um mestre como Jack, o que sempre me inspirou na maneira de tocar dele é que, por mais tempo que se passe assistindo, ouvindo e tentando copiar, ninguém consegue imitar seu som, porque ele vai muito além de frases repetidas; seu som tem uma liberdade e uma assinatura tão poderosas que mesmo em uma gravação qualquer baterista atento saberá quem está tocando.

Essa forma de “quebrar as regras” você pode adaptar à sua linguagem e como **Só Vale Se Tocar**, deixo aqui minhas dicas para usar na condução do jazz.

A ideia é pensar em pequenos ciclos dentro dos compassos, mas, cuidado para não se perder, no início é extremamente necessário um raciocínio bem matemático e uma coordenação na audição dos compassos da música e nos que você criou por cima dela, então, o uso do metrônomo é fundamental. Coloque um acento forte na cabeça dos compassos para verificar se chegou junto no fim da frase.

Como imagino aqui uma fórmula de compasso 4/4, deixo algumas ideias, mas, lembre-se, são idéias. As ideias são chaves que abrem portas, mas não são o conteúdo absoluto. Experimente-as, crie as suas e depois me critique até, mas se mova sempre, OK? E, se interessar, comprem o livro, que é maravilhoso.

Vamos a elas:

Obs.: lembrando que as colcheias em andamento lento e médio são lidas com suíngue jazz (tercinadas) e em andamentos rápidos como colcheias normais.

1

2

3

4

5



Julio Bittencourt é formado pela Universidade Livre de Música Tom Jobim e estudou com grandes bateristas, como John Riley, Zé Eduardo Nazário, Duda Neves, Toniquinho. Com 26 anos de carreira é diretor e professor no IMB – Instituto Musical Bittencourt. Tocou ao lado de artistas consagrados como Paulo Moura, Gilson Peranzetta, Nelson Faria, Rick Valiant (CAN), Bernard Fines (FRA), Leo Gandelman, entre outros, além de atuar com seu trio há 16 anos em festivais de jazz no Brasil e no exterior. Contatos: (12) 99762-4339 (WhatsApp) e contato@jbtrio.com.br.